



ISSN: 1988-5261  
<https://doi.org/10.51896/TURYDES>

# TURYDES. TURISMO Y DESARROLLO LOCAL



## TURISMO DE ALAMBIQUES NA REGIÃO DE SÃO JOÃO DEL-REI

**Prof. Dr. Ivair Gomes**

<https://orcid.org/0000-0002-5897-5084>

Universidade Federal de São João del-Rei

**Marcos Vinicius Santos Vieira**

<https://orcid.org/0000-0002-7937-7649>

Universidade Federal de São João del-Rei

[marcus-santos-vieira@hotmail.com](mailto:marcus-santos-vieira@hotmail.com)

**Arlon Cândido Ferreira**

<https://orcid.org/0000-0003-0075-7989>

Universidade Federal Fluminens

[arloncf@gmail.com](mailto:arloncf@gmail.com)

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Ivair Gomes, Marcos Vinicius Santos Vieira, Arlon Cândido Ferreira (2021): "Turismo de alambiques na região de São João del-Rei", Revista Turydes: Turismo y Desarrollo, n. 31 (diciembre / dezembro 2021). En línea: <https://www.eumed.net/es/revistas/turydes/diciembre2021/alambiques>

### RESUMO

A produção da cachaça possui sua condição econômica, cultural e turística muitas vezes transformadas pelas características da região de produção. Partindo desse pressuposto, este artigo tem como objetivo refletir sobre o potencial turístico e socioeconômico dos alambiques da região de São João del-Rei-MG. Utilizou-se uma metodologia de caráter qualitativo e quantitativo com aplicação de questionários estruturados, entrevistas junto aos produtores, trabalhadores e observações dos locais, de forma que foi possível avaliar o perfil socioeconômico dos alambiques. Com a pesquisa foi possível compreender os diferentes anseios em relação a pluralidade de perfis dos produtores. Há aqueles que produzem a cachaça por tradição familiar ou por hobby, existem os que produzem como fonte de renda e aqueles que utilizam do valor cultural do produto como um atrativo turístico. Portanto, os desejos dos produtores também se diferenciam, onde há aqueles que visam uma maior burocratização da produção da cachaça na região, ambicionando o registro dos produtores ilegais para haver uma competição mais justa, enquanto os ilegais encontram dificuldades financeiras para a obtenção do aparato necessário ao registro. Os alambiques turísticos, entretanto, anseiam por um circuito turístico que englobe os alambiques, sob o argumento que o turismo de alambique poderia ser uma atividade que ajudaria a fortalecer o desenvolvimento econômico regional.

**Palavras chave:** Cachaça; São João del-Rei; Turismo.

## TURISMO DE ALAMBIQUES EM LA REGIÓN DE SÃO JOÃO DEL-REI

### RESUMEN

La producción de cachaça tiene su condición económica, cultural y turística, muchas veces transformada por las características de la región de producción. Com base em este supuesto, este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre el potencial turístico y socioeconómico de los alambiques en la región de São João del-Rei/Mg. Se utilizo uma metodología cualitativa y cuantitativa com la aplicación de cuestionarios estructurados, entrevistas a productores, trabajadores y observaciones locales, de manera que fue posible evaluar el perfil socioeconómico de los alambiques. Con la investigación se logro comprender los diferentes deseos em relación a la pluralidade de perfiles de los productores. Hay quienes producen la cachaça por tradición familiar o afición, hay quienes la producen como fuente de ingresos y quienes utilizan el valor cultural del producto como atractivo turístico. Por lo tanto, los deseos de los productores también difieren, dinde hay quienes apuntan a una mayor burocratización de la producción de cachaça em la región, apuntando al registro de productores ilegares para tener uma competencia más justas, mientras que los ilegares encuentran dificultades financeiras para obtener el aparato necessário para el registro. Los alambiques turísticos, sin embargo, anhlen un circuito turístico que incluya podría ser una actividad que ayudaría a fortalecer el desarrollo económico regional.

**Palabras clave:** Cachaça; São João del-Rei; Turismo.

## TOURISM OF ALAMBIQUES IN THE REGION OF SÃO JOÃO DEL-REI

### ABSTRACT

The production of cachaça has its economic, cultural and touristic condition, many times transformed by the characteristics of the region of production. Based on this assumption, this article aims to reflect on the tourist and socioeconomic potencial of alembics in the region of São João del-Rei/MG. A qualitative and quantitative methodology was used with the application of structured questionnaires, including with producers, workers and local people, so that it was possible to assess the socioeconomic profile of the alembics. With the research it was possible to understand the diferente desires in relation to the plurality of profiles of the producers. Thre are those who identify cachaça by family tradition or hobby, there are those who identify it as a source of income and those who use the cultural value of the product as a tourist attraction. Therefore, the wishes of the producers also differ, Where there are those who aim at a greater bureaucratization of cachaça production in the region, aiming at the registration of ilegal producers in order to have a fairer competition, while ilegal ones have financial difficulties to obtain the necessary apparatus to the registry. Tourist alembics, however, yearn for a tourist circuit that encompasses alembics, under the argument that alembics tourism could be an activity that would help strengthen regional economic development.

**Keywords:** Cachaça; São João del-Rei; Tourism.

### INTRODUÇÃO

A produção da cachaça no Brasil é uma atividade que se iniciou no auge da produção da cana-de-açúcar, um dos primeiros grandes ciclos econômicos do país. Por ser um produto inicialmente marginalizado, seu consumo era voltado apenas para aqueles que estavam à margem da sociedade, já que era a bebida mais acessível na época. Contudo, esse pensamento começou a se inverter durante a primeira metade do século XX, quando os intelectuais e as altas classes sociais, passaram por um processo de resgate e valorização dos costumes primordiais dos brasileiros, tornando a cachaça uma bebida desejada não só para as massas, mas para um público seletivo e exigente.

Desde então, a cachaça passou a alcançar destaque no mercado brasileiro, inclusive sendo visado pelo agronegócio. Mesmo com sua pequena participação no montante total arrecadado pelos produtos agrícolas, a cachaça ganhou espaço no mercado de exportação. Essa ascensão fez com que o produto recebesse por meio de iniciativas público-privadas, incentivos ao desenvolvimento tecnológico e socioeconômico da produção, conforme Silva (2006):

Em 1997 a produção nacional de cachaça tem sido levada mais a sério, com a implantação do Programa Brasileiro de Desenvolvimento da Aguardente de Cana, Caninha ou Cachaça (PBDAC). A tradicional bebida brasileira também recebe o apoio da Associação Brasileira da Indústria de bebidas (ABRABE); do Programa Especial de Exportações (PEE); da Agência de Promoção das Exportações (APEX); da Federação das Associações de Produtores da Cachaça de Alambique (FENACA) e do Programa de Novos Polos de Exportação (PNPE). (Silva, 2006, p. 36).

Nessa direção, o estado de Minas Gerais ganha um destaque especial, devido a sua liderança na produção nacional e o seu pioneirismo na produção artesanal da cachaça. Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) (2020), Minas Gerais conta com um número 3 vezes maior que o segundo colocado (São Paulo), tendo também maior quantidade de marcas de cachaça, cerca de 1.680. Ao analisar o impacto da produção da cachaça na economia estadual, o SEBRAE-MG (2018) estima à época que a cadeia produtiva da cachaça gira aproximadamente R\$1,5 bilhão no estado e emprega de forma direta e indireta, cerca de 240.000 pessoas (Oliveira *et al.*, 2018). Inspirados nos viticultores franceses da região de Champagne-Ardenne<sup>1</sup>, os produtores de cachaça artesanal de Minas Gerais juntamente com o governo estadual criaram o Sistema de Certificação da Cachaça de Minas Gerais, com o intuito de valorizar o produto e a sua tradição. Com esse sistema, os produtores certificam que a cachaça é um produto tipicamente rural, valorizando a sua produção artesanal, além de seguir padrões mínimos de qualidade, além de associar o produto ao estado. (Lima *et al.*, 2010).

---

<sup>1</sup> Os produtores de vinho da região de Champagne-Ardenne na França demilitaram o uso do nome da bebida *champagne* para apenas à aquela produzida em sua região. As demais bebidas que possuem a características dos *champagne*, mas não são da região original são chamadas de "espumante". (Lima *et al.*, 2010).

Por outro lado, o governo estadual promulgou um conjunto de leis que fazem a delimitação de origem e a padronização da identidade e qualidade da bebida, oficializando assim a qualidade da “Cachaça de Minas”. Esse selo atesta que o produto foi realmente produzido de maneira artesanal e, além disso, permite que os produtores certificados sejam informados e atualizados sobre as últimas inovações tecnológicas na produção de cachaça, além de agregar valor e abrir as portas para o mercado internacional.

Abaixo, destacam-se alguns artigos da Lei nº 13.949, de 11 de julho de 2001, que estabelecem o padrão de identidade e as características do processo de elaboração da Cachaça de Minas e dá outras providências:

Art. 8º Somente poderá ostentar na embalagem a expressão “Cachaça de Minas” o produto obtido segundo o processo de elaboração previsto nesta lei.

Parágrafo único – A “Cachaça de Minas” produzida em região demarcada conterá em seu rótulo a indicação de sua origem.

Art. 10º Fica estabelecido o dia 21 de maio como o dia da “Cachaça de Minas”, em comemoração do início da safra.

Art. 11º A “Cachaça de Minas” é a bebida oficial do Governo do Estado, e será servida em festas, recepções e eventos oficiais em que se ofereçam bebidas alcoólicas. (Minas Gerais, 11/07/2001, p. 14)

Esse protagonismo de Minas Gerais pode ser percebido em regiões específicas do estado, como a “Região de Salinas” que adquiriu fama sobre a excelência e identidade do produto, permitindo aos produtores a obtenção de uma Indicação Geográfica (IG) sobre a cachaça local<sup>2</sup>. Com menor destaque, porém seguindo as tradições da produção da cachaça artesanal mineira, a região de São João del-Rei/MG ganha destaque por possuir no seu entorno uma porção de alambiques de diferentes nichos, qualidades, propósitos e idades. Por ser uma localidade histórica, que remonta ao período colonial, verifica-se que a produção da cachaça acompanha a região desde seus primórdios da colonização, fator que agrega a bebida um valor identitário e cultural.

Há registros da existência da produção desde o século XVIII, como é o caso do Engenho Bela Vista, que teria sido construído em 1755 e que funciona até hoje, com proprietários que se dizem descendentes de um irmão de Tiradentes. São muitas as marcas produzidas na região, como por exemplo: Século XVIII (Coronel Xavier Chaves); Engenho da Boa Vista (Barroso); Tabaroa (Prados); Inconfidentes (Tiradentes); entre as dezenas de alambique que produzem a cachaça para consumo próprio (consumo familiar) e de produções clandestinas para a comercialização local.

Ligando a função turística que perpétua na região e a tradição cultural da produção da cachaça, foi notado que alguns alambiques se incorporaram ao setor turístico local. Fica clara a presença de alambiques dedicados a prestar serviços de caráter turísticos, como visitas guiadas as

---

<sup>2</sup> Jesus et al., (2016) define as Indicações Geográficas como uma forma de “construir a diferenciação de seus produtos por meio da constituição de uma marca que identifique o produto a um território”.

produções, vendas de produtos locais, restaurantes, haras, hotel fazenda, entre outras atividades econômicas ligadas ao turismo. Sendo assim, a produção da cachaça local se sobressai da singular função de comercialização do produto para a obtenção de renda, encontrando no turismo outra fonte para o desenvolvimento do setor.

Longe deste vínculo turístico e empresarial, existem alambiques derivados da agricultura de pequeno porte e familiar, onde os produtores geralmente fabricam a cachaça sem o registro dos órgãos regulamentadores. Esse tipo de alambique é a maior fração dos alambiques existentes na região, devido ao custoso trâmite para atingir os padrões esperados de produção exigidos para a regulamentação. Porém, a influência da tradição familiar e cultural na produção e o valor comercial agregado ao produto, eles mantêm sua fabricação de forma clandestina.

Há uma notável produção de cachaça na região de São João del-Rei, a qual guarda características culturais, ambientais e históricas específicas, e que agregam um diferencial ao produto final, é de se considerar que essas peculiaridades transformam a economia e o setor turístico local. Assim, o presente artigo faz uma análise, por meio de um levantamento empírico e bibliográfico, sobre o potencial dos alambiques da região de São João del-Rei. Sendo definidas as características e perfil socioeconômico dos produtores e a relação da produção da cachaça com o desenvolvimento turístico e econômico local.

## **METODOLOGIA**

Para atingir os objetivos dessa pesquisa de natureza descritiva e exploratória, a metodologia contemplou duas fases. A primeira fase contemplou uma revisão bibliográfica sobre a produção da cachaça, o turismo nos alambiques (e o papel dos alambiques no turismo), a economia do turismo (desenvolvimento da economia a partir do turismo) o contexto histórico e territorial da região de São João del-Rei. A fonte da literatura para a análise, partiu de dissertações, periódicos, entre outros meios que aprofundam o conhecimento referente ao assunto, buscando e contemplando os fundamentos da pesquisa empírica.

Na segunda fase, foram realizadas investigações de campo, onde foram visitados produtores de cachaça de diversos nichos e propósitos de produção (registrados e não registrados) da região de São João del-Rei. Nessas visitas, foram aplicados questionários estruturados para os proprietários ou funcionários de cada alambique, objetivando compreender os fenômenos referentes a dinâmica econômica da produção (número de empregados, quantidade e qualidade produzida, forma de comercialização da cachaça, o grau de importância da produção da cachaça na renda, registros e selos), características culturais (razão pela qual produzir cachaça), a função turística de sua produção e por fim localizando esses alambiques (sua localização e atrativos próximos aos alambiques). Os dados quantitativos e qualitativos dos questionários se somaram com a observação do local e as conversas com os funcionários e proprietários, compondo a totalidade do levantamento empírico da pesquisa.

## **A ÁREA DE PESQUISA**

A área de estudo engloba parte da Microregião de São João del-Rei – MG (IBGE,2017). Dentro dessa delimitação, a pesquisa buscou encontrar alambiques que ficam a uma distância máxima de 50 km do município de São João del-Rei. Os alambiques investigados estão nos municípios de Coronel Xavier Chaves, Prados, Tiradentes, Ritápolis, São Tiago e São João del-Rei, (figura 01).

**Figura 1.**

Alambiques entrevistados na região de São João del-Rei.



**A REGIÃO DE SÃO JOÃO DEL-REI**

São João del-Rei, cidade polo dos demais municípios pesquisados, teve seu primeiro salto urbanístico com o surgimento do Arraial Novo do Rio das Mortes, fundado no fim do século XVII, sendo parte da rota dos bandeirantes paulistas, que desbravaram a região. A origem do seu povoamento ocorreu, devido a dois grandes características: a localização privilegiada no Caminho Geral do Sertão, eixo de ligação entre as demais comarcas mineiras e a cidade do Rio de Janeiro e; a descoberta de grande quantidade de ouro na região. Devido ao alto valor arrecadado com o extrativismo mineral (ouro), a área urbana ostenta belas obras arquitetônicas de estilo barroco que vão desde luxuosos casarões à igrejas decoradas inteiramente de ouro. Com a decadência da mineração, o município de São João del-Rei tornou-se um centro comercial e de abastecedor de outras regiões da comarca, mantendo ainda a condição de centro administrativo do poder público. Em 1838, é elevada à categoria de cidade e, em 1860, capitais financeiros locais criam uma das primeiras instituições bancárias do Estado de Minas Gerais (Gomes, 2012).

Atualmente, a região de São João del-Rei possui sua base econômica voltada principalmente a produção agropecuária, porém com uma expressiva parcela da economia movimentada pelo setor terciário. Recebe destaque no ramo de turismo, porém com papel coadjuvante, onde a cidade de Tiradentes é a que mais se destaca. Além disso, a cidade possui uma heterogeneidade quando a obtenção de renda, que vão desde a manutenção de algumas indústrias à serviços especializados. O Plano Diretor Municipal (2013, p. 31) enfatizam a centralidade do município em relação aos municípios da região e a diversidade econômica do município:

O setor industrial deixa de ser o principal empregador, enquanto que os setores de comércio e serviços apresentam uma expansão sustentável e significativa. Sem perder sua vocação econômica no turismo e a vocação industrial, iniciada no final do século XIX, o município consolidou-se como um polo regional de comércio e serviços.

### **O Turismo Regional**

Os municípios da região de São João del-Rei ainda conservam parte do seu conjunto arquitetônico e urbanístico protegido. Esses municípios contam com a presença de inúmeros elementos que remontam a história local, como: igrejas, pontes, casarões, museus, fazenda, estações ferroviárias, entre outros (IPHAN/DEPAM, 2017). Devido à essa característica a região ganhou destaque com o turismo histórico, principalmente nos municípios de Tiradentes, São João del-Rei, Prados e Coronel Xavier Chaves. Dessa forma, há uma parcela de turistas que contemplam não só a arquitetura colonial, mas todo um roteiro turístico que inclui também aspectos culturais, religiosos e naturais.

Sobre os atrativos naturais da região, se destacam a Serra do Lenheiro e a Serra de São José.

A Serra do Lenheiro, localizada a noroeste do centro de São João del-Rei, atrai praticantes de esportes ao ar livre, como montanhismo, rapel e trekking. Ela é marcada pela beleza das suas paisagens, suas formas e por estruturas minerárias construídas durante o auge do ciclo do ouro no período colonial. A Serra de São José, uma Área de Proteção Ambiental (APA) engloba os municípios de Tiradentes, São João del-Rei, Santa Cruz de Minas, São João del-Rei e Coronel Xavier Chaves. Entre os diversos atrativos naturais, destacam-se suas cachoeiras, trilhas, fauna e o primeiro marco do projeto Estrada Real.

No aspecto cultural, a cidade de São João del-Rei conta com uma Semana Santa recheada de eventos tradicionais, a maioria seculares; a música sacra e a centenária prática de pontuar os acontecimentos com o badalar dos sinos, fato que alcunha a cidade como “cidade dos sinos” (Oliveira, Januário, 2007). Na vizinha Tiradentes além de ter relação com o turismo religioso e cultural, a cidade possui também um calendário de diversos eventos culturais como a Mostra de Cinema, o Festival Internacional de Cultura e Gastronomia, Festival de Cerveja e o Carnaval de Rua

de Tiradentes (saliente-se que praticamente todos esses eventos foram cancelados temporariamente devido à pandemia de covid-19).

Ao buscar incentivar o turismo do estado, Minas Gerais buscou criar uma regionalização das atividades turísticas por meio da delimitação de grupos de municípios que possuem atrações turísticas que seguem uma mesma linha. A busca por essa delimitação fez com que o estado criasse então os Circuitos Turístico, que seriam um:

“...conjunto de municípios de uma mesma região, com afinidades culturais, sociais e econômicas, que se unem para organizar e desenvolver a atividade turística regional de forma sustentável, através da integração contínua dos municípios, consolidando uma atividade regional” (MINAS GERAIS, DECRETO Nº 43.321, de 08 de maio de 2003).

Incluída por esse decreto, a Região de São João del-Rei é contemplada pelo Circuito Turístico Trilhas dos Inconfidentes - juntamente com os municípios de Barbacena, Barroso, Conceição da Barra de Minas, Coronel Xavier Chaves, Dolores de Campos, Entre Rios de Minas, Lagoa Dourada, Nazareno, Piedade do Rio Grande, Prados, Resende Costa, Ritópolis, Santa Cruz de Minas, São Tiago e Tiradentes - e pelo o Circuito da Estrada Real que passa por 177 cidades e distritos ao longo das cidades de Diamantina-MG a Paraty-RJ e o Rio de Janeiro-RJ.

## **DISCUSSÃO**

### **Perfil Socioeconômico dos Alambiques Visitados**

Na coleta de dados, realizado através dos trabalhos de campo, foram entrevistados e analisados 16 alambiques na região de São João del-Rei, encontrados a partir de indicações dos apreciadores do produto, conversas informais com os proprietários/funcionários e indicações turísticas feitas em sites especializados. É necessário pontuar que a amostra de entrevistados descrita nesse tópico, compõe uma fração da totalidade dos alambiques da região, pois muitos não estão abertos para visita e/ou não se sentiram seguros para receber a equipe, pois ainda não estão legalizados. (Gi, 2014).

Com base nos resultados colhidos ao longo das entrevistas, foi possível observar as diferentes propostas, meios e objetivos por trás da produção da cachaça de cada fabricante. No quesito fiscal, dos 16 alambiques pesquisados, 8 possuem o registro fiscal cedido pelo o MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento). Um deles é filiado a ANPAQ (Associação Nacional dos Produtores de Cachaça de Alambique), e dois deles estão no processo para a obtenção da certificação necessária.

Dentre os produtores não registrados ou os produtores “clandestinos”, apenas um têm a intenção de obter o registro dos seus produtos (Figura 02 e 03). Segundo os demais, a maior dificuldade está na adequação da produção às onerosas normas técnicas e fiscais que os órgãos regulamentadores demandam, e pela pouca vantagem que eles julgam obter com isso. Por serem de



pequeno porte, esses produtores realizam práticas que não dependem de um aparato tecnológico e técnico, prevalecendo assim a produção de subsistência e o comércio de produtos da terra. Fernandes et al. (2012) aponta os principais desafios dos produtores familiares da região:

“a falta de tecnologia adequada, a precária assistência técnica, a concorrência do turismo pela mão de obra (os produtores não podem pagar os mesmos salários dos comerciantes), a elevação do preço da terra; a dificuldade em se adequar às exigências sanitárias para a produção artesanal de alimentos (aguardente, doces, queijo, etc.);”

**Figura 02 e 03:**

Alambique que busca seu registro na área de estudo.



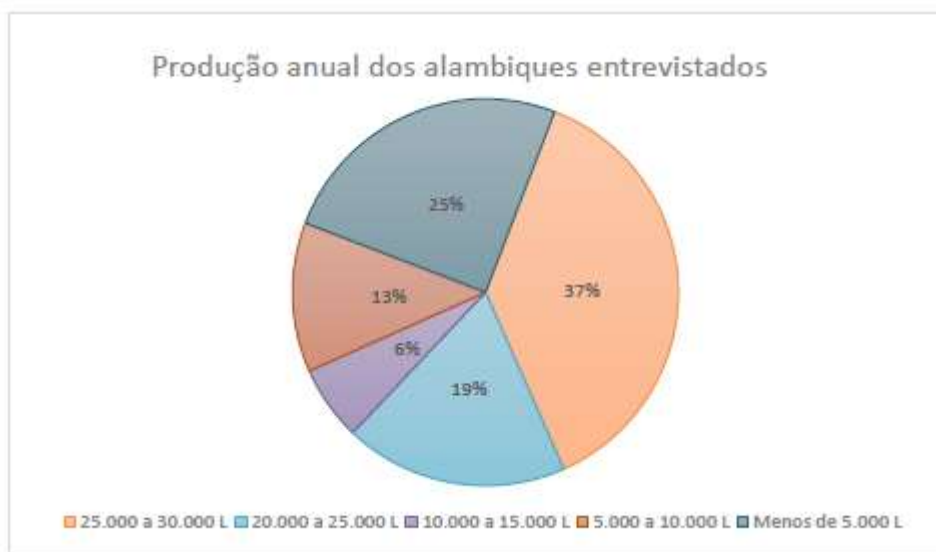
Para Fernandes et al., (2012), os alambiqueiros registrados que são “externos ao ciclo local”, estão tomando o lugar dos produtores tradicionais, pelo fato de que estes possuem toda a infraestrutura sanitária e fiscal necessária, relegando as cachaças ilegais para os estabelecimentos (bares, restaurantes e mercados) periféricos e de baixa renda.

A maioria dos produtores (12 alambiques) não têm a comercialização da cachaça, como principal fonte de renda. Nesses locais, a principal fonte de renda é oriunda de outras atividades exercidas na propriedade, já que o ambiente rural possibilita um leque de alternativas. Dentre os produtores, que não temos alambique como principal fonte de renda, destaca-se as seguintes atividades: produção de hortaliças, frutas, leite, pecuária, aves, ovos; além de produtos caseiros como macarrão, geleias e melaços. Parte desses produtores alegam produzir a cachaça como “hobby” ou tradição familiar e há aqueles produtores que falam sobre o “respeito” em ter a sua “própria cachaça” vendida e comercializada nos estabelecimentos locais.

Apesar da grande maioria não possuir o alambique como a principal fonte de renda, entre os entrevistados a produção da cachaça variam muito, estando entre 1.000 a 30.000 litros anualmente (Figura 04).

**Figura 04:**

Produção anual de cachaça em relação aos alambiques entrevistados.



### Os Alambiques Turísticos

Durante a pesquisa foram visitados 5 estabelecimentos que possuem relação com o turismo. Esses alambiques, definidos nesse artigo como alambiques turísticos, são caracterizados por terem alguma atividade voltada para a consumação ou prestação de serviços aos turistas em seu espaço físico. Além da visita guiada ao alambique e sua produção, alguns estabelecimentos possuem lojas que comercializam souvenirs relacionados a cachaça, produtos artesanais, não só do estabelecimento, mas de propriedades rurais no entorno. Há também alguns estabelecimentos que disponibilizam infraestruturas diferenciadas para o turista, como serviços de hotel fazenda, haras, restaurantes e áreas de lazer para crianças.

Parte dos proprietários dos alambiques são oriundos de outras localidades e viram na atividade turística da região um grande potencial para o desenvolvimento e divulgação do seu produto. Essa relação é nítida, pois os alambiques estão localizados próximos aos principais atrativos turísticos da região. Nesse quesito, três alambiques ganham notoriedade. Um alambique localizado no distrito de Vitoriano Veloso, conhecido popularmente como Bichino (localizado na estrada entre os municípios de Prados e Tiradentes) (Figura 05); outro datado do século XVIII, localizado a poucos metros do centro do município de Coronel Xavier Chaves (Figura 06); e outro, com um grande hotel fazenda, localizado na estrada entre São João del-Rei e Coronel Xavier Chaves.

**Figura 05:**

Alamboque e Serra de São José, em Bichinho.



**Fonte:** Novo (2018).

**Figura 06:**

Alambique data do século XVIII.



**Fonte:** Palazi (2020).

Quando perguntados sobre a aglutinação do turismo local com os alambiques, foi perceptível que os produtores sem registro não envolvem a sua produção ao turismo, e não mostram interesse em envolver. Porém, alguns demonstraram anseio na criação de um circuito turístico local envolvendo os alambiques à atividade turística. Eles relataram que essa integração garantiria mais visibilidade aos alambiques e conseqüentemente iria influenciar no desenvolvimento econômico local.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir dessa investigação, foi possível ter uma compreensão mais clara sobre a dinâmica socioeconômica por trás da produção da cachaça artesanal na região de São João del-Rei. Os alambiques analisados abrangem em sua maioria produções formadas por agricultores familiares tradicionais que fabricam a cachaça na clandestinidade, e outra parcela formada por empresários inseridos no ciclo produtivo externo, que viram na função turística e cultural da região um grande aliado para a comercialização da cachaça.

Ao analisar a ligação dos produtores da cachaça ao turismo da região, verifica-se a potencialidade da atividade alambiqueira como atração turística. Por trás dos alambiques turísticos estão empresários que notaram o diferencial turístico e cultural local, para criar um mercado que vai além da produção da cachaça, mas de toda uma estrutura mercadológica que visa receber o turista. A existência desses alambiques vinculados ao turismo, evidência o potencial da região em realizar um roteiro turístico dos alambiques, podendo ser mais um dos atrativos que impulsionam o desenvolvimento turístico local.

Apesar do pequeno número de alambiques registrados que utilizam esta atividade para praticas turísticas, percebe-se que as cachaças produzidas de forma clandestina perdem uma fatia do valor agregado do produto devido a ilegalidade, já que essa relação exclui esses produtores de grande parte do comércio e limita-os a comercializar apenas para os estabelecimentos periféricos. O alto valor da transição técnica necessária para a regularização da produção, e a carência ao fomento e instrução dos produtores por meio do poder público, definem as principais barreiras encontradas pelos pequenos produtores. Apesar de que há uma relação cultural e de mercado, que ainda motiva esses alambiqueiros a manter a produção.

## REFERÊNCIAS

- Fernandes, B. H., Ferreira, A. C., & Gomes, I. (2012). A Agroindústria da Cachaça, a Agricultura Familiar e o Turismo em Tiradentes – MG: Aspectos Históricos, Sinergias e Prognose. [Apresentação de Trabalho]. XX Encontro Nacional de Geografia Agrária. Uberlândia, MG, Brasil.
- G1 – Portal de Notícias (2014). *Projeto busca alavancar produção de cachaça artesanal nas Vertentes*. <http://globo/1cz3e4l>
- Gomes, L. C. (2012). Nota sobre a formação territorial do município de São João del-Rei. *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia*, 1(2), 37-51.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Coordenação de Geografia. (2017). *Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias*. 82p. Rio de Janeiro: IBGE.
- IPHAN/DEPAM. (2017). *Conjuntos urbanos protegidos até janeiro de 2017*. [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Conjuntos\\_urbanos\\_protegidos\\_ate\\_%20janeiro\\_%20de\\_%202017.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Conjuntos_urbanos_protegidos_ate_%20janeiro_%20de_%202017.pdf).

- Jesus, C. M., Ortega, A. O., & Pedrosa, B. B. (2016). Cachaça “Região de Salinas”: Uma Indicação Geográfica de Procedência em Construção. [Apresentação de Trabalho]. 17º *Seminário sobre Economia Mineira*, Uberlândia, MG, Brasil.
- Lima, I. B., Silva, L. H., & Rocha, L. E. V. (2016). “Cachaça de Minas” e Desenvolvimento Rural: uma análise para o Cooperativismo e Agronegócio. [Apresentação de Trabalho]. 17º *Seminário sobre Economia Mineira*, Uberlândia, MG, Brasil.
- MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. A cachaça no Brasil: dados de registro de cachaças e aguardentes/Secretaria de Defesa Agropecuária. Brasília: MAPA/AECE, 2020. 27p.
- Minas Gerais. (2001). *Lei nº 13.949, de 10/07/2001. Dispõe sobre estabelecer o padrão de identidade e as características do processo de elaboração da “Cachaça de Minas” e dá outras providências.*
- Minas Gerais. (2003). *Decreto estadual nº 43.321, de 8 de maio de 2003.*
- Novo, M. A. L. (2018). *Tour pelo Alambiques de Minas VII: as maravilhas de Bichinho.* <https://devotosdacachaa-rmb.com.br/tour-pelos-alambiques-de-minas-bichinho/>.
- Oliveira, S. T., & Januárioatucci, A. C. (2017). O turismo em São João del-Rei – Minas Gerais: uma análise preliminar. *CULTUR – Revista de Cultura e Turismo*, 1(1), 1-15.
- Oliveira, A. R., Gaio, L. E., João, I. S., & Bonacim, C. A. G. (2018). Análise da cadeia produtiva da cachaça em Minas Gerais sob a ótica da Economia dos Custos de Transação. *Custos e @gronegócio on line*, 4(3), 13-34.
- Palazi, A. P. (2020). *Engenho Boa Vista engarrafa história, em Coronel Xavier Chaves (MG).* <https://www.mapadacachaca.com.br/artigos/engenho-boa-vista>.
- Plano Diretor Participativo de São João del-Rei (2013). *Relatório Técnico: síntese das análises.*
- SEBRAE/MG (2018). *Plano de reestruturação da cadeia da cachaça de alambique de Minas Gerais.*
- Silva, J. M. (2006). *Cachaça: o mais brasileiro dos prazeres.* São Paulo: Anhembi Morumbi.